

A peste como representação do fenômeno totalitário no século XX em Albert Camus

The plague as a representation of the totalitarian phenomenon in the 20th century in Albert Camus

Degislando Nóbrega de Lima
Universidade Católica de Pernambuco, Brasil

Alberto Luiz Silva de Oliveira
Universidade Católica de Pernambuco, Brasil

Resumo

O simbolismo da peste como uma representação da morte ou da barbárie está estabelecido no imaginário ocidental há muitos milênios. A humanidade já experimentou uma incalculável quantidade de flagelos e parte da obra de Albert Camus é construída a partir dessa relação simbólica entre flagelos e sofrimento humano. Este artigo objetiva apresentar como Albert Camus utiliza alguns signos da peste para representar alguns aspectos do fenômeno totalitário do século XX e apontar algumas características do totalitarismo refletidas nas obras *A peste* (1947), nos discursos e em conferências do autor e no ensaio filosófico *O homem revoltado* (1951), além de buscar mostrar a relação simbólica da “peste” e de seus sintomas com as questões éticas enfrentadas pelo Ocidente. Uma vez estabelecidas as consequências da peste, serão identificadas as ações que Camus promove para o enfrentamento da barbárie e da violência a partir do conceito da Revolta.

Palavras-chaves: Violência. Totalitarismo. Política. Ética. Revolta.

Abstract

The symbolism of the Plague as a representation of death or barbarism has been established in the Western imagination for many centuries. Humanity has already experienced an incalculable amount of scourges and part of Albert Camus' work is built upon this symbolic relationship between scourges and human suffering. This paper aims to show how Albert Camus uses a few of the Plague's signifiers to represent some aspects of the totalitarian phenomenon of the 20th century and to point out a few characteristics of totalitarianism that are reflected in *THE PLAGUE* (1947), in the author's speeches and conferences, and in the philosophical essay *THE REBEL* (1951). This paper also seeks to show the symbolic relationship between the “plague” and its symptoms with the ethical questions faced by the West and, once all the relevant consequences of the Plague are established, to identify the actions that Camus promotes for the fight against barbarism and violence through the concept of Revolt.

Keywords: Violence. Totalitarianism. Politics. Ethics. Revolt.

Informações do artigo

Submetido em 26/09/2022
Aprovado em 28/10/2022
Publicado em 22/12/2022.

 <https://doi.org/10.25247/P1982-999X.2022.v22n3.p77-97>



Esta obra está licenciada sob uma licença
Creative Commons CC BY 4.0

Como ser citado (modelo ABNT)

LIMA, Degislando Nóbrega de; OLIVEIRA, Alberto Luiz Silva de. A peste como representação do fenômeno totalitário no século XX em Albert Camus. *Ágora Filosófica*, Recife, v. 22, n. 3, p. 77-97, set./dez. 2022.

1 INTRODUÇÃO

As considerações sobre o fenômeno totalitário ocupam um papel de bastante relevo na segunda fase do pensamento de Albert Camus¹. O autor franco-argelino vivenciou e atuou diretamente na resistência francesa à ocupação nazista em Paris no decorrer da Segunda Guerra. Essa atuação possibilitou-lhe uma série de reflexões sobre os sintomas e as consequências do horror vivenciado naquele período de guerra mundial, genocídio e avanço das tecnologias bélicas. Para ele, tudo isso eram sintomas de um adoecimento que corroeu o Ocidente durante séculos e eclodiu no entre guerras do século XX.

As reflexões e os diagnósticos de Camus em torno e a partir da peste se projetam desde um lugar, a partir do qual ele denuncia as ideologias de morte que tomaram de assalto o cotidiano dos seus conterrâneos e demais cidadãos do mundo envolvidos nos eventos da Segunda Guerra e no pós-guerra. Uma vez localizado esse lugar, será possível perceber as ferramentas utilizadas por Camus na sua análise e na denúncia dos sintomas políticos e culturais desse período. Assim, onde se encaixa o signo da peste no conteúdo de seus textos mais políticos, e como ele, enquanto escritor multidisciplinar, a utiliza nas figuras linguísticas para promover sua perspectiva diante da realidade que o cercava? A simbologia da peste cumpre um papel indispensável para toda a argumentação construída por Camus no pós-guerra. Por isso, justifica-se apresentar como o símbolo da peste é construído no pensamento de Camus e qual sua função no âmbito da denúncia dos horrores da guerra e das ideologias da morte que são trabalhadas nas obras do segundo momento de sua trajetória como intelectual, o tríptico da revolta; assim como, firmar paralelos em textos auxiliares que antecedem *A peste (1947)*, que podem iluminar a compreensão dessas questões. Por fim, uma vez estabelecida a compreensão das dimensões do horror da peste, almeja-se ressaltar a dimensão do agir humano frente a esses

¹ Comumente a obra de Camus é vista compondo-se de dois momentos: o do absurdo e o da revolta. Esses temas são demarcados através da ideia de uma construção tríptica. Os trípticos são o conjunto de três imagens que formam uma única. Seguindo esse conceito estético Camus organiza o tríptico do absurdo contendo: um romance filosófico *O estrangeiro (1942)*, um ensaio filosófico *O mito de Sísifo (1941)* e um texto para teatro *Calígula (1945)*. A partir de 1947 ele inicia o tríptico da revolta seguindo a mesma métrica: um romance filosófico *A peste (1947)*, um ensaio filosófico *O homem revoltado (1951)*, e um texto para teatro *Estado de sítio (1948)*. Em 21 de Fevereiro de 1941 registra Camus em seu diário: terminado Sísifo. Os três absurdos estão terminados. Aludindo à formação tríptica das suas obras. Cf.: (CAMUS, 2014, p.79)

cenários de barbárie e de irracionalidade legados pela peste totalitária no Ocidente.

2 O INTELLECTUAL RESISTENTE

Há, na obra camusiana, um traço inegavelmente autobiográfico. Sua escrita se entrelaça com os acontecimentos que permearam sua trajetória e lhe conferiam novas dimensões na existência, especialmente, no seu agir ético. O pensador Camus fala a partir do lugar de um órfão da primeira guerra e de alguém que, dada sua condição de saúde instável graças a tubérculos, outra “peste” do seu tempo, podia compreender a dimensão do conflito com o mundo que lhe cercava. Ele suspeitava cabalmente dos grandes sistemas clássicos da filosofia e das ideologias políticas que almejavam unificar e resolver todas as contradições que despontavam no seu tempo. Nesse sentido, é ilustrativo que sua construção filosófica se ancora na interdisciplinaridade, variando entre o romance filosófico, o teatro e o próprio gênero do ensaio. Camus acreditava que a forma mais propícia de alcançar as pessoas era através de um pensamento filosófico posto em imagens². Essa forma de estruturar sua produção literária foi decisiva para a popularização de suas ideias durante a guerra e no pós-guerra.

Os anos que antecederam a Segunda Guerra foram anos conturbados para Camus. Dada a impossibilidade de prestar concurso para lecionar, graças ao seu quadro de saúde, ele decide ingressar no jornalismo investigativo, o que lhe renderá inúmeros processos e perseguições pelo caráter denunciativo de suas reportagens. Quando a guerra eclode, Camus está vivendo uma espécie de exílio forçado, pois está marcado sob o governo colonial e não consegue trabalho. No dia 07 setembro de 1939, ao eclodir a Segunda Guerra, ele anota em seu diário:

Todos se perguntavam onde estava a guerra – o que, nela, era ignóbil. (...). Ela está aí, bem aí, e nós a procurávamos no céu azul e na indiferença do mundo. Ela está na solidão assustadora do combatente e do não combatente, no desespero humilhado que é comum a todos e na abjeção crescente que se sente despontar nos rostos a medida que os dias decorrem. O reino das bestas começou. (CAMUS, 2014, p. 25-26).

² Cf.: CAMUS, 2018a, p. 118

É interessante compreender justamente a percepção do jovem Camus diante do que lhe parecia uma profunda irracionalidade: “o reino das bestas”. A guerra revelava uma dimensão de urgência na ação diante do horror, mesmo sabendo-se, por meio da história, que a real dimensão do horror desta Segunda Guerra seria conhecida plenamente após o seu fim com a revelação dos genocídios nos campos de concentração e de toda a estrutura industrial de morte construída pela sofisticação burocrática do Terceiro Reich³. Camus, à época com vinte seis anos, tenta se alistar para a guerra, mas é recusado por causa da tuberculose⁴. Sendo perseguido pelo governo colonial em Argel, resolve ir para Paris, e a encontra sob o domínio dos nazistas e do governo colaboracionista de Vichy⁵. Seu engajamento político, que na Argélia colonial se empenhava na denúncia dos abusos contra os árabes argelinos, ganha agora uma dimensão ainda mais ampla com as ações clandestinas do jornalismo da resistência durante o período da ocupação. Nesse momento, inicia-se o período mais crítico de Camus como integrante da resistência francesa e como jornalista publicando no jornal clandestino *Combat*. É nesse contexto de ocupação e incerteza da guerra que Camus publica oficialmente dois de seus maiores títulos *O mito de Sísifo* (1941) e *O estrangeiro* (1942), obras que o lançaram na cena intelectual parisiense. Na clandestinidade, ele atuava apoiando os movimentos de resistência e posteriormente assumiu o papel de editor chefe do *Combat* nos últimos anos da guerra. Sobre a atuação de Camus na resistência comenta Ronald Aronson:

Quando a libertação aconteceu, Camus era o porta-voz de um dos maiores movimentos da Resistência no momento da vitória. Ademais, ele havia se tornado editor de um veículo que encarnava a plataforma prevalecente da resistência, em

³ Parece um tanto paradoxal que os registros biográficos demonstrem que os primeiros movimentos de Camus eram de uma certa negação quanto a figura do nazismo como potencial belicista que iria expor todo globo à barbárie. Uma postura comum entre vários intelectuais no período antes da guerra. Entretanto, quando a guerra estourou, Camus muda sua postura e se dedica à luta contra “as bestas”.

⁴ Cf.: CAMUS, 2014, p. 28

⁵ O governo colaboracionista de Vichy representou parte do desafio para a sobrevivência dos resistentes em Paris. Os colaboracionistas estavam em várias camadas da sociedade francesa e, quando a guerra terminou, os julgamentos deles corresponderam aos primeiros embates entre os intelectuais franceses. Nesse período, dão-se os diálogos entre Camus e François Mauriac acerca das divergências sobre quais ações deveriam ser tomadas com os colaboracionistas. Essas divergências geraram momentos de disputa pública entre intelectuais até chegar à impossibilidade de diálogo entre eles. Cf.: ARONSON, p. 143

condições de interpretar, avaliar e, se possível, guiar uma transformação nacional. (ARONSON, 2007, p. 66).

Esta experiência de Camus como um intelectual nas linhas de frente da resistência foi crucial para sua atuação no campo político do pós-guerra e, conseqüentemente, para a expansão conceitual de suas obras. Se, no primeiro momento, ele se dedica à filosofia existencial, construindo um tríptico sobre o tema do absurdo, a partir do fim da guerra, ele mergulhará na investigação dos flagelos da guerra e de suas conseqüências para o humanismo ocidental. E é justamente nesse período de produção ética e política que o autor irá se utilizar do símbolo da peste para representar a virulência dos fenômenos autoritários.

Por volta de 1946, começam a aparecer, no texto camusiano, indicações simbólicas de sintomas de uma doença para ilustrar a crise ética do Ocidente. Tal ocorre, por exemplo, em uma conferência na universidade de Colúmbia e, posteriormente, em Harvard, nos EUA, onde Camus indaga se estamos em meio a uma “Crise humana” e, nesse compasso, recorre por várias vezes a palavras como “sintomas”, “doença”. Essas conferências, tanto em Harvard como em Colúmbia, apresentam os primeiros símbolos que ligariam o horror da guerra ao romance *A Peste* (1947), publicado no ano seguinte, vindo a se tornar o maior êxito do autor em termos de venda de exemplares durante sua vida⁶. O texto chega ao público após anos de trabalho em sua confecção, ainda que seu resultado final não agradasse a Camus totalmente. Sobre *A peste* (1947), registra Olivier Todd, através de uma correspondência entre Camus e Albert Rieux:

(...) Pode-se ler *A peste* de três maneiras diferentes. Ela é ao mesmo tempo a história de uma epidemia, o símbolo da ocupação nazista (e aliás a prefiguração de todo regime totalitário, seja ele qual for) e em terceiro lugar a ilustração concreta de um problema metafísico, o do mal. (TODD, 1998, p. 346).

Essa relação tríplice, que simbolicamente o autor usa da peste como totalitarismo, flagelo e o mal metafísico, possibilitará identificar qual a função narrativa da peste no discurso de Camus. A peste é inserida como elemento

⁶ É digno de registro o ressurgimento do Romance no topo das vendas logo no primeiro ano da pandemia do Coronavírus. Mundialmente, o livro alcançou um platô de vendas que chamou atenção para como as pessoas buscavam, na literatura sobre peste, respostas para questões do seu cotidiano agora imerso na pandemia.

narrativo a partir do segundo tríptico. E aqui é retomada a ideia defendida por Camus de que a forma mais eficaz de transmitir um conceito ou uma ideia é pela construção de uma imagem aplicada à realidade que, por sua vez, estabeleça vínculos e consequências para quem a acompanhasse. A filosofia posta em imagem se mostra um método prático e estético nos trípticos do seu pensamento. Camus trabalha sua denúncia utilizando o signo do flagelo e, a partir deste, trabalha as imagens de isolamento, morticínio e sofrimento humano posicionando outra camada de conceitos que se opõem ao flagelo, a saber, os homens que resistem. Afinal, como foi salientado anteriormente, o intuito de Camus não é praticar um diletantismo trágico sobre o morticínio da guerra.

Torna-se bastante perceptível quando o romance *A peste* (1947) e os discursos *A crise humana* 1946, *O tempo dos assassinos* (1949) são observados como preparações, ou reflexões preliminares das denúncias apresentadas no ensaio filosófico *O homem revoltado* (1951). À medida que meditamos sobre a relação literária desses escritos percebemos como o autor pretende através de seus escritos lançar luz sobre a complexidade do fenômeno totalitário apresentado como um flagelo, uma doença, como também provoca a nossa resistência e luta contra os sintomas da doença. Não é gratuito que o personagem construído por Camus para antagonizar com o flagelo por amor aos homens é o médico Bernard Rieux.

Não se cura a peste com os mesmos meios usados em resfriados. Uma crise que dilacera o mundo inteiro deve ser resolvida em escala universal. Nosso objetivo lógico atual é a ordem para todos, afim de que o peso da miséria e do medo seja diminuído para cada pessoa⁷. (CAMUS, 1984, p. 94).

A partir desse ponto, consideramos apontados os elementos necessários para posicionar Camus no campo discursivo que evidencia seu posicionamento político e filosófico antitotalitário. E, uma vez estabelecido de onde partem as denúncias de Camus, podemos reconhecer como ele pretende se utilizar do simbolismo da peste para representar os acontecimentos daquele período, como também para lançar luz sobre os sintomas da “doença” que atingia a todo o globo no entre guerras e no pós-guerra, seja na cultura, na filosofia ou na política.

⁷ No se cura la peste con medicinas para resfriados. Una crisis que desgarrar al mundo entero debe solucionarse a escala universal. En la actualidad, nuestro objetivo lógico es el orden para todos, a fin de que disminuya para cada uno el peso de la miséria y del miedo. [Tradução nossa]

3 O SIMBOLISMO DA PESTE NA OBRA CAMUSIANA

A palavra “peste” acaba de ser pronunciada pela primeira vez. (...) Houve no mundo tantas pestes quanto guerras. E, contudo, as pestes, como as guerras encontraram sempre as pessoas igualmente desprevenidas. (CAMUS, 1997, p. 30).

Conforme menção anterior, Camus pensava a dimensão simbólica da peste como um tríplice referencial: a) ação totalitária; b) ação das epidemias; c) um mal incontrollável. Essa disposição perpassa todo o tríptico da revolta. Vale salientar que, enquanto em *A peste* (1947), o flagelo é trabalhado como uma presença despersonalizada ou desprovida de um caráter antropomórfico, em *Estado de Sítio* temos uma representação antropomórfica da peste como personagem que chega de súbito à cidade de Cádiz e, acompanhada da morte de sua gente, estabelece um Estado de exceção em toda a cidade espanhola. A representação despersonalizada do flagelo faz transparecer a ação ética e revoltada dos homens lutando contra um mal aparentemente irrefreável.

As personagens construídas por Camus em suas obras cumprem uma função de arquétipos conceituais que servem como aplicação e expressão imagética dos conceitos trabalhados em seus ensaios filosóficos. Na obra *O estrangeiro* (1942), Meursault é o personagem que encarna o deslocamento, o sentimento de exílio, a ruptura entre o ser humano e o mundo que é próprio do conceito do absurdo, e as questões existenciais que são abordadas na primeira fase do pensamento camusiano; seguido de Calígula, que também serve à experimentação de forçar os conceitos ao limite para extrair deles algumas constatações⁸.

Se Camus utiliza a imagem do flagelo para aludir tanto ao morticínio, ao irracional, ao exílio e à destruição das vidas humanas, ele colocará, por outro lado, a imagem do médico Rieux em *A peste* (1947) e de Diego, personagem que se dedica a cuidar dos doentes da Peste em *Estado de Sítio* (1948), na luta

⁸ Carlos Eduardo Guimarães comenta que Meursault e Calígula representam na ordem do pensamento camusiano a imagem de um conceito expresso. E para além da expressão de um conceito eles também ilustram as tensões que os extremos desses conceitos podem representar. As verdades sensíveis que eles representam se reúnem e se complementam com as considerações feitas no ensaio filosófico. A ideia de construir uma obra em formato de tríptico tem sua melhor expressão quando o leitor obtém a visão das três formas reunidas formando uma única imagem. No caso, o absurdo e posteriormente a revolta. (GUIMARÃES, 1971, p. 36).

contra esse mal, a fim de trazer à luz o conceito de revolta, a recusa à morte, a afirmação da vida humana e da luta contra o opressor. As personagens tomam o papel de resistentes contra um mal que aponta o que há de mais irracional na experiência da vida: a morte deliberada dos seres humanos. Uma vez estabelecidos esses polos de conflitos, temos evidenciado o núcleo conceitual estabelecido para dar o conteúdo imagético da narrativa. Em suma, os personagens de seus textos representam em vários aspectos os conceitos desenvolvidos em seus ensaios filosóficos.

Julgamos pertinente trazer à baila a jornada de Rieux e o surto de peste em Oran e quais as temáticas e referências que os acontecimentos do romance buscam elucidar no decorrer da sua narrativa. Adiantamos que duas temáticas se sobressaem na análise do texto de *A peste*: a) a massificação da vida b) a morte e o silêncio. Esses dois temas abrem as portas para as reações e relações humanas na presença da peste:

Uma forma cômoda de travar conhecimento com uma cidade é procurar saber como se trabalha, como se ama e como se morre. Na nossa cidade, talvez por efeito do clima, tudo se faz ao mesmo tempo, com o mesmo ar frenético e distante. Quer dizer que as pessoas se entediam e se dedicam a criar hábitos. Nossos concidadãos trabalham muito, mas apenas para enriquecerem. Interessam-se principalmente pelo comércio e ocupam-se, em primeiro lugar, segundo a sua própria expressão, em fazer negócios. (CAMUS, 1997, p. 7).

A primeira preocupação de Camus é estabelecer a temática da massificação das vidas em uma cidade comum. Essa primeira parte antecede a chegada silenciosa dos ratos à cidade e, em consequência, o início dos efeitos do flagelo. Esse tema do esvaziamento da vida como contemplação, *experienciação do mundo*, é um tema recorrente nas conferências do autor no pós-guerra. Mas, também podemos encontrar referências do processo de massificação das relações humanas como um elemento que compõe a profunda ruptura entre o eu e outro.

Para Camus, o século XX é o século no qual as relações entre os homens são abafadas por um profundo silêncio, um impedimento do diálogo pelo medo e pela burocracia, do reconhecimento, em que o valor da vida foi substituído pela eficácia produtiva e consumista de uma vida moderna. Nela encontramos a irreduzibilidade nas faces dos homens:

Os homens também segregam desumanidade. Em certas horas de lucidez, o aspecto mecânico de seus gestos, sua pantomima desprovida de sentido torna estúpido tudo o que os rodeia. Um homem fala ao telefone atrás de uma divisória de vidro; não se ouve o que diz, mas vemos sua mímica sem sentido: perguntamo-nos por que ele vive. (CAMUS, 2018a, p. 29).

Se o hábito de fazer negócios é frenético, o amor é distante e inconsequente, a morte não seria algo diferente desse aspecto de massificação. Camus expressa a condição de vida do doente nessa sociedade como um suplício mediado pela ausência. Ausência refletida em um isolamento brutal que resume a vida humana ao leito, e ao sol que inunda a cidade acinzentada. Esse retrato feito de Oran encontra seu simulacro nas grandes metrópoles do capitalismo moderno e sua substituição da realidade por bolhas alienadas por uma cadeia burocrática que silencia a vida. Numa conferência intitulada *A crise humana*⁹, nosso autor declara:

Essa crise também é causada pela substituição do real pela matéria impressa, isto é, pelo crescimento da burocracia. O homem contemporâneo tende mais e mais a colocar entre si e a natureza um maquinário abstrato e complexo que o lança na solidão: somente quando não há mais pão, os cupons “vale um pão” aparecem. Os franceses subsistem com uma dieta de 1.200 calorias por dia, mas possuem pelo menos seis diferentes formulários cada um, e uma centena de selos oficiais para cada um desses formulários (CAMUS, 2022, p. 35).

O caráter alienado do mundo moderno é uma característica forte na denúncia do autor. A peste se lança sobre um mundo que se radicalizava numa postura individualista e consumista. E, como frisa o autor tanto no romance quanto nas conferências, não havia nada de incomum nesta postura de ruptura entre os indivíduos e a exacerbação de uma postura individualista pautada sobre a perspectiva de ganho, desempenho e consumo que era o fio condutor dos últimos três séculos no Ocidente. Ninguém percebeu o prenúncio da peste na cidade, porque estavam todos imersos num cotidiano onde a ordem estabelecida nutria uma espécie de dormência sob os valores que os homens partilham. E, uma vez que o valor da vida e das relações interpessoais são destituídos de seu

⁹ Tradução livre para *la crise de l'homme*, esta palestra foi proferida na universidade de Columbia e em seguida em Harvard, como parte de uma missão governamental oficial para promover a cultura francesa. Cf.: TODD, 1998, p. 417-418

caráter universal, instauram-se outras formas de domínio e silêncio entre os seres humanos.

Pode-se ainda imaginar a substituição da ação pelo diletantismo trágico, e, neste caso, a vida humana não passa de uma parada de jogo. Nesse último caso, na falta de um valor mais alto que oriente a ação, dirigir-se-á para eficácia imediata. Se nada é verdadeiro nem falso, bom ou mal, a regra será mostrar-se o mais eficaz, quer dizer o mais forte. O mundo não estará mais dividido em justos e injustos, mas em senhores e escravos. (CAMUS, 2018b, p. 16).

A massificação da vida pelo consumo e individualismo pavimentam a perspectiva da crise ética e moral que o Ocidente convivia nos últimos séculos de profundas rupturas dos valores. Não é sem propósito que Camus se utiliza dos primeiros capítulos do seu livro para registrar a atmosfera moral e ética da cidade de Oran, que, como já vimos, espelha a própria experiência da vida urbana nas grandes cidades do mundo. E, da mesma forma, a percepção da chegada da peste é antecedida pela invasão dos ratos às ruas de Oran. Como uma referência direta à imagem cristalizada na Europa pós peste negra, ele usa a imagem de montanhas de ratos tomando as ruas como os arautos da peste. Os ratos tomam as ruas de Oran, invadindo as casas e alterando de forma cada vez mais incisiva a rotina dos moradores.

Para coroar a imagética dos ratos subindo dos esgotos e tomando as ruas da cidade, o escritor argelino explicita que esses animais que ocupavam as ruas da cidade eram também vítimas da peste. Os arautos do bacilo eram por ela também destruídos. Ao ponto que aquilo que os moradores e a prefeitura recolhiam das ruas aos montes eram os cadáveres dos ratos. A peste utilizará o corpo dos ratos para se propagar pela cidade e estabelecer a ordem de horror e morte, mas não sem antes destruir a vida dos seus hospedeiros. Se tomarmos os aspectos históricos incutidos pelo autor nesses símbolos, podemos resgatar perfeitamente a perspectiva exposta por Camus de como as ideologias da morte se estabeleceram nas cidades e destruíram tanto as vítimas em seus campos de morticínio quanto seus próprios emissários.

No universo da negação total, pela bomba e pelo revolver, e também pela coragem com que caminhavam para o suplício, esses jovens tentavam sair da contradição para criar os valores que lhes faltavam. Até aqui, os homens morriam em nome daquilo que sabiam ou daquilo que acreditavam saber. A partir

daí criou-se o hábito, mais difícil, de sacrificar-se por alguma coisa da qual nada se sabia, a não ser que era preciso morrer para que ela existisse. (CAMUS, 2018b, p. 220).

Quando os mortos pela peste começaram a lotar os hospitais de Oran, a massificação da vida dá lugar ao segundo tema que compõe a imagética da peste: a morte e o silêncio. Ao passo que o flagelo em *A peste (1947)* tem um aspecto de ausência enquanto sujeito da ação em uma narrativa, em *Estado de sítio (1948)*, diferentemente, estabelece-se o cenário onde a figura da peste é antropomórfica e são destacadas as consequências da peste na cidade agora sitiada pelo bacilo sem rosto, sem voz, só tendo como representante a destruição deliberada dos habitantes. A presença da peste na cidade é marcada pelo isolamento, pela morte e pelo impedimento de comunicação entre as pessoas. A dimensão de exílio, que antes era legada apenas aos moribundos de Oran, vai se estendendo para todos os cidadãos na medida em que o bacilo se alastra por toda cidade.

A presença da peste rompe os laços cotidianos e estabelece um novo *ethos*: a cidade de todos os cidadãos cercados em suas casas exilados do convívio. O autor defende que justamente no diálogo entre as pessoas é a morada dos laços que nos possibilita estabelecer valores comunitários e nos reconhecer nas dores e fragilidades uns dos outros. Uma vez que a presença da morte e do medo se infiltram na cidade, a ruptura entre os sujeitos se torna aguda. O sentimento de exílio e de isolamento se misturam aqui com a percepção do simbólico da peste como epidemia e como ocupação nazista:

Assim, a primeira coisa que a peste trouxe aos nossos concidadãos foi o exílio. (...) Experimentavam assim o sofrimento profundo de todos os prisioneiros e de todos os exilados, ou seja, viver com uma memória que não serve para nada. Este próprio passado, sobre o qual refletiam sem cessar, tinha apenas o gosto de arrependimento. Na verdade, gostariam de poder acrescentar-lhes tudo quanto lamentavam não ter feito, quando ainda podiam fazê-lo, junto a esse ou aquela que esperavam (...). Impacientes com o presente, inimigos do passado e privados do futuro, parecíamos-nos assim efetivamente com aqueles que a justiça ou o ódio humano fazem viver atrás das grades. (CAMUS, 1997, p. 52-53).

Diante do exílio e do silêncio estabelecidos como novo modo de ser para os cidadãos agora cercados pelo flagelo, podemos nos perguntar o que difere essa obra de uma simples descrição metódica de uma situação de barbárie da

história recente da humanidade? Ao descrever o ambiente da peste, suas primeiras consequências diretas como a morte e o exílio de seus moradores, Camus se preocupa em refletir sobre o agir. Uma vez que a guerra eclode e os sintomas da peste se tornam evidentes a todos os que estão de longe ou cobertos pelo seu alcance, deve-se perguntar como pode ser a ação do sujeito diante do mal? Para Camus, a ação é a expressão da revolta! Uma ética em tempos de exceção deve ser norteadada pelo conteúdo da revolta. E, para cuidar dos homens e defender a vida da apatia, é necessário romper o diletantismo e agir em defesa dos oprimidos pelo bacilo da peste. Assim comenta Camus:

(...) Se as características desta crise são a vontade de poder, o terror, a substituição do homem real pelo homem político e histórico, o reinado das abstrações e da fatalidade, e a solidão sem futuro, então essas são as características que devemos mudar se quisermos resolvê-la. (CAMUS, 2022, p. 39).

Certamente, é nessa perspectiva de ênfase sobre o agir que Camus coloca na boca de Bernard Rieux:

Afinal... – continuou o médico, e voltou a hesitar, olhando para Tarrou com atenção. – É uma coisa que um homem como o senhor consegue compreender, não é verdade? Já que a ordem do mundo é regulada pela morte, talvez convenha a Deus que não acreditemos nele e que lutemos com todas as nossas forças contra a morte, sem erguer os olhos para o céu, onde ele se cala. (CAMUS, 1997, p. 91).

Outro aspecto relevante é a dimensão religiosa que é aplicada no caráter imagético do bacilo da peste. O personagem que é responsável por representar essa perspectiva é o padre Paneloux, que através de seus sermões irá servir de termômetro para o avanço da peste e sua interpretação particular sobre a presença da mortandade da peste será parte importante do conteúdo filosófico do romance. É interessante explicitar que nas ocasiões em que as grandes epidemias assolaram o Ocidente as instituições religiosas tiveram papel marcante seja no cuidando dos doentes, como também na construção do estigma da doença. Camus utiliza o personagem Paneloux aparentemente unindo essas duas perspectivas e imbuindo o conflito filosófico da revolta de Rieux com a perspectiva punitivista de Paneloux.

Paneloux endireitou-se então, respirou profundamente e continuou, num tom mais veemente: Se hoje a peste vos olha, é

porque chegou o momento de refletir. Os justos não podem temê-la, mas os maus têm razão para tremer. Na imensa granja do universo, o flagelo implacável baterá o trigo humano até que o joio se separe do grão. (...) Deus, que durante tanto tempo baixou sobre os homens desta cidade o seu rosto de piedade, cansado de esperar, desiludido na sua eterna esperança, acaba de afastar seu olhar. Privados da luz de Deus, eis-nos por muito nas trevas da peste! (CAMUS, 1965, p. 65).

A perspectiva de que a peste ganha um caráter de punição coletiva pelo divino contra os atos dos homens não é uma concepção original do cristianismo. Na história das civilizações, encontramos os mais diversos relatos de como sacrifícios eram dedicados aos deuses para aplacar as pestes, ou seja, aplacar sua ira. Entretanto, o discurso de Paneloux configura uma compreensão moderna da noção do signo da punição como forma de purgar os pecados e expressar uma controversa misericórdia divina. O primeiro discurso do sacerdote segue esse conteúdo punitivista, como também ele estabelece dois elementos importantes para a imagem popular da peste: a) a afirmação dos justos; b) a destruição dos ímpios.

Esses dois elementos de justificação agregam à peste uma legitimidade metafísica. O flagelo seria a lâmina que separaria aqueles que ontologicamente são maus (joio) dos justos (trigo). A metáfora do joio e trigo carrega um caráter apocalíptico sobre uma justiça final vinda da providência para afirmar a justiça dos fiéis e legar aos inimigos um destino terrível. Salienta-se como os inimigos da fé foram abandonados às trevas da peste:

Na constante véspera do Apocalipse, as pestes são, além de um sinal do final dos tempos, a demonstração do poder punitivo de Deus, a realização da sua justiça, castigo-resgate da comunidade dispersa, reintroduzida no caminho da salvação. É a teologia do Deus terrível, perene no discurso cristão, e reforçada nos contextos de calamidades, particularmente no da fúnebre cadeia que se abateu sobre o Ocidente a partir da Peste Negra. Divindade paciente e misericordiosa, sujeita, no entanto, a arroubos de cólera periódicos identificados como manifestação de sua indignação, ação legítima posto que intrínseca à natureza do Justo Juiz. A dialética punição/redenção impôs-se aos espíritos com força de lei, reafirmando, ao termo, o caráter indelével e incomensurável da piedade divina. (BASTOS, 2007, p. 49).

O primeiro sermão de Paneloux reflete essa contradição entre a afirmação de uma justiça pelo flagelo da vida humana e a misericórdia divina. Para o

sacerdote, o sofrimento estaria justificado pelo seu caráter purgativo e pelo aspecto pedagógico que a justiça divina revela na peste aos olhos do sacerdote. O conteúdo escatológico do sermão concluía que, no momento em que os portões da cidade se fecharam selando o destino dos que habitavam em Oran, todos deveriam erguer aos céus sua gratidão, pois era chegado o momento assim como em Sodoma e Gomorra, faraó, Jó e Caim¹⁰, em que todos compreenderiam a extensão de seus pecados e como deveriam se regozijar diante do sofrimento pedagógico do flagelo de Deus em Oran.

Muitos dentre vós, bem o sei, perguntaram a si próprios aonde quero chegar. Quero fazer-vos chegar à verdade e ensinar-vos a vos regozijar, apesar de tudo que vos disse. Passou o tempo em que os conselhos, uma mão fraterna eram os meios de vos guiar para o bem. Hoje, a verdade é uma ordem. E o caminho da salvação é uma lança vermelha que vos aponta e vos conduz. É aqui, meus irmãos, que se manifesta, enfim, a misericórdia divina que colocou em todas as coisas o bem e o mal, a cólera e a piedade, a peste e a salvação. (CAMUS, 1965, p. 70).

O sermão dominical do padre Paneloux marca o primeiro grande movimento da peste dentro da cidade. Essa perspectiva de uma pedagogia do flagelo como uma providência divina para guiar os homens para a salvação da alma pela destruição dos seus corpos é reconhecida pelo médico Rieux de forma negativa. Camus contrapõe dois argumentos também presentes na sua obra à ideia de que a providência de um absoluto justificaria a dor dos homens. Seja Deus ou a História, para Camus não é aceitável que em nome de uma marcha teleológica em direção a uma salvação os seres humanos sejam jogados no jogo dos argumentos como um meio para se chegar a um fim.

Para o médico Rieux, Paneloux não era perverso, ou moralmente corrompido. Ele só considerava sua verdade mais importante do que a dor dos homens. E, em nome dessa verdade, ele aceitaria o aniquilamento até que a providência fosse cumprida em sua ordem e a verdade alcançada. De semelhante forma, Camus denuncia que os homens aceitaram a História como

¹⁰ O sermão aponta os grandes castigos do antigo testamento. Sodoma e Gomorra consumidas por uma chuva de fogo, Faraó no Egito castigado pelas 10 pragas, Jó, o justo que sofre e Caim que foi marcado pelo crime de homicídio contra seu irmão. Esses exemplos constroem a imagem popular da dialética de castigo e redenção estruturante do sermão de Paneloux. Sendo que o único dos personagens a alcançar a redenção após ser flagelado é Jó.

um fim e a vida dos homens como combustível aceitável para os meios. Nessa perspectiva, Camus afirma em palestra de 1949, no Brasil:

Lá estava, em particular, o materialismo histórico, que lhes parecia um refúgio, no qual julgavam poder encontrar um princípio de ação sem abrir mão de nada da sua revolta. Bastava agir no sentido da História. Esses homens diziam, por exemplo, que essa guerra e muitas outras coisas eram necessárias porque acabariam com a era dos nacionalismos e preparariam o tempo dos Impérios, ao qual sucederia, depois de novos conflitos ou não, a sociedade universal. (...) Pois, se é verdade que a História obedece a uma lógica soberana, se é verdade, de acordo com essa mesma filosofia, que o Estado feudal deve inevitavelmente suceder ao Estado anárquico, e depois as nações ao feudalismo, e os Impérios às nações, para enfim chegar à Sociedade Universal, então tudo que serve a essa marcha inevitável é bom e os feitos da História são verdades definitivas. (CAMUS, 2019, p. 174).

Essa imagética legada por Paneloux ao bacilo da peste, aos olhos do filósofo argelino correspondia a essa ideia de que a consumação da vontade divina na salvação final dos homens justificaria os eventos que se desenrolavam nas ruas da cidade. Todavia, como comenta Rieux, as verdades defendidas pelo jesuíta Paneloux no seu sermão, eram distantes da dor de um moribundo. Uma verdade autorreferenciada que busca a sua excelência antes da misericórdia era fruto da pura abstração sem vínculos com a realidade do flagelo humano. Esta é a percepção solidária da revolta como uma ação ética no pensamento do autor argelino revelado em Rieux: a revolta não assume a morte como um meio para alcançar uma redenção final seja pelas mãos de uma providência ou da História, antes sente-se compelida pela vulnerabilidade comum a todos os homens. É nesse sentido que Camus afirma em *A peste (1947)*:

Vivi demais em hospitais para gostar da ideia de castigo coletivo. Mas, como sabe, os cristãos falam as vezes assim, sem que realmente o pensem. São melhores do que parecem. (...) Paneloux é um estudioso. Não viu morrer bastante e é por isso que fala em nome de uma verdade. Mas o mais modesto padre de aldeia que cuida dos paroquianos e que ouviu a respiração de um moribundo pensa como eu. Ele trataria da miséria antes de querer demonstrar-lhe a excelência. (CAMUS, 1965, p. 89).

No entanto, conforme o flagelo avança sobre os cidadãos e a morte, o isolamento e a dor dos inocentes ganham a ruas e a cidade entra na ordem da peste, os sermões de Paneloux também vão mudando. No momento crítico da

luta para salvar as vidas em que todos os personagens reunidos acompanham em expectativa uma criança agonizando depois de receber uma dose da vacina desenvolvida para conter a peste, Camus conjuga em uma cena a luta dos homens contra a imagem do mal metafísico que se impõe de forma irracional diante da vida. A luta do homem contra esse mundo hostil se depara com a morte dos inocentes. Quando a criança desfalece, desmorona em conjunto a medicina e a fé, o padre deixa a sala e posteriormente Rieux.

O último sermão de Paneloux confere a última simbologia da peste estabelecida pelo personagem no romance. A peste era a face incompreensível de uma vontade oculta no tempo mortal e só revelada na eternidade onde a providência tudo vê e tudo conduz. Por um momento, o sacerdote parece abraçar a contradição, mas por fim concede ao irracional a face da vontade Deus, assumindo que a vontade de Deus era incerta e difícil diante de uma situação na qual não se encontrava refúgio da peste, mas que diante do divino todas as dores seriam sanadas e todas as coisas seriam iluminadas pela verdade:

Não, não havia meio termo. Era preciso admitir o escândalo pois era necessário escolher entre odiar a Deus ou ama-lo. E quem ousaria escolher o ódio a Deus? (...) o amor de Deus é um amor difícil. Ele pressupõe o abandono total de si mesmo e o menosprezo da pessoa. Mas só ele, em todo caso, pode torná-la necessária, pois é impossível compreendê-la e não podemos senão desejar-la. Eis a difícil lição que desejava compartilhar convosco. Eis a fé, cruel aos olhos dos homens, decisiva aos olhos de Deus de quem é preciso nos aproximarmos. Diante desta imagem terrível, é preciso que nos igualemos. Neste cume, tudo se confundirá e se igualará, a verdade brotará da injustiça aparentemente. (CAMUS, 1965, p. 158).

Ainda dentro dessa perspectiva de justificação da dor humana pelo elemento absoluto, encontramos em *Estado de Sítio* (1948) a temática ganhando as características próprias do poder totalitário em que a Peste, personagem antropomórfico do flagelo recai sobre a cidade de Cádiz e impõe o estado de exceção e a temática da revolta e da luta contra a opressão dos homens retorna às páginas do nosso autor explorando outros aspectos da luta por liberdade. Como já indicado, há no pensamento de Camus uma profunda suspeita sobre a real capacidade de que os sistemas abstratos possam abarcar a realidade e sanar as contradições. O autor busca a denúncia para os sistemas políticos que constroem através de uma lógica filosófica a legitimidade do morticínio. A peste

encarna essa face dupla na obra camusiana a) o mal irracional que confronta o desejo de vida, b) as ideologias de morte que se utilizam da lógica filosófica para esmagar os homens.

Em diálogo de Diego, o personagem que se revolta contra o poder da peste e de seu agente, a morte, Camus expõe a raiz da contradição dos crimes lógicos e as violências legitimadas em nome de uma ordem que utiliza a dor e a morte como meios para impor a sua totalidade a todos os homens. Em nome de resolver as contradições do mundo, por um aparente amor aos homens, se aceitou destruir os homens, até que não sobre contradição ou revolta.

PESTE – Quem te pede para consentir? A ordem do mundo não mudará, ao sabor dos teus desejos. Se queres muda-la, deixa teus sonhos e toma conhecimento de tua realidade

DIEGO – Não. Conheço a receita: é preciso matar, para suprimir o assassínio: violentar, para reparar a injustiça. Há séculos que isso dura! Há séculos que os senhores de tua raça apodrecem a chaga do mundo sob o pretexto de curá-la – e, no entanto, continuam a vangloriar-se de sua receita, uma vez que ninguém lhes riu na cara! (CAMUS, 1979, p. 136).

Por fim, o simbólico da peste utilizado em forma de bacilo ou em forma antropomórfica estabelece no âmbito romanesco e teatral as denúncias que são desenvolvidas de forma direta no aspecto filosófico dos trípticos. À medida que a peste revela suas faces no genocídio, no terror, na violência legitimada por uma ordem que busca totalizar tudo pela perspectiva do universal, Camus vai apontando a necessidade da reunião coletiva na luta contra a opressão. E a luta do homem contra a dor e a opressão se revela na revolta que assume um *ethos* próprio, que em um movimento duplo rejeita o assassinato e afirma um valor solidário e empático que está na centralidade da revolta camusiana. Uma vez que o totalitarismo propaga o aniquilamento da pluralidade e a afirmação ideológica massificada, a revolta impõe a preservação da vida plural e livre. Pois o sentimento da revolta não é um sentimento egoísta ou solipsista.

É nesse sentido que o sentimento suscitado pela “revolta” não pode ser compreendido como assassino, visto que o que ocasiona o assassinato é justamente a indiferença, contrariando, assim, a solidariedade apregoada. A indiferença, nesse caso, aparece negando e destruindo a solidariedade. (AMITRANO, 2014, p. 37).

Por sua vez, Rieux em *A peste (1947)* cumpre sua tarefa para com os semelhantes por afirmar que, mesmo sem garantia de vitória, ele compreendia seu lugar na luta pelos homens, uma luta que não garantiria a ele atos heróicos, ou uma redenção ao fim de tudo. Ele avança diante da absurdidade de um inimigo que estabelecia a ordem pela morte e pelo exílio. Diego enfrenta o exílio, a morte e a representação totalitária absoluta; enquanto a peste contra Diego oferece a preservação de sua vida, de sua liberdade e de seu amor, pelo custo da vida das pessoas de Cádiz. Diego rejeita e argumenta que não seria ele que tomaria a vida e a liberdade dos homens em nome de um egoísmo, ou de um realismo político que beirava o cinismo no momento em que para libertar os homens se permitia destruí-los. É justamente nessa consciência aguda da solidariedade que encontramos o coração da revolta. Camus devolve o ser humano à contingência e localiza a luta no presente, no limite da vida e de uma legalidade, que o autor esperava que poderia ser construída à medida que as vítimas da peste se reconhecessem coabitantes de um mesmo mundo e de uma mesma vulnerabilidade.

Todo revoltado, só pelo movimento que o soergue diante do opressor, defende, portanto, a causa da vida, comprometendo-se a lutar contra a servidão, a mentira e o terror e afirmando, com a rapidez de um raio, que estes três flagelos fazem reinar o silêncio entre os homens, obscurecendo-os uns aos outros e impedindo que se reencontrem no único valor que pode salvá-los do niilismo, a longa cumplicidade dos homens em conflito com seu destino. (CAMUS, 2018b, p. 369).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, a reflexão que se projeta a partir dos textos trabalhados nesse artigo aponta, sem a pretensão de esgotar o tema, certas contradições que assolam o Ocidente por mais de um século. Com diferentes faces, a peste é uma realidade. Presenciamos tempos de flagelo e autoritarismo que pressionam os indivíduos a uma realidade de morticínio e dor; como também questiona a ação do indivíduo, diante do bem comum. Justamente nesse contexto de instabilidade e morte, as obras de Camus revelam seu alcance e valor como uma análise profunda dos fenômenos políticos e filosóficos que herdamos do século XX e que se projetam para as próximas gerações.

Não seria exagero afirmar que alguns desafios sinalizados pelo autor argelino se apresentam ainda na atualidade. Haja vista que nos últimos anos vivenciamos as tensões entre o flagelo do coronavírus alterando o cotidiano em uma luta diária contra a morte e o individualismo, como também as sombras de um autoritarismo que busca esgarçar as instituições democráticas e expor de forma gradativa as relações humanas à violência. A disposição ética apresentada por Camus provoca uma reflexão atenta e preocupada com o destino do convívio humano salutar. Afinal, mesmo setenta anos depois, o totalitarismo, o morticínio e a violência generalizada, são chagas que se mostram ainda abertas no nosso mundo enviesado pela tecnologia e pelos novos meios de vigilância.

Buscamos demonstrar qual a funcionalidade da peste como representação imagética dos fenômenos políticos e filosóficos abordados nas obras Camusianas. Obra esta que compõe uma estrutura interdisciplinar e que pretendia alcançar diferentes públicos do pós-guerra e aplanar o caminho tortuoso que a análise filosófica de certos conceitos e fenômenos se vê atrelada. Sob essa perspectiva, podemos localizar e compreender o lugar de onde essas obras buscam falar e qual efeito pretendem alcançar.

Nos personagens que se interpõem contra os sintomas da peste e das suas consequências expressam-se a luta coletiva e a revolta como conceitos expressos através da imagética. O tríptico da revolta pode ser recepcionado como um conjunto interdisciplinar que cumpre um papel fundamental de provocar a reflexão e defender valores que ainda se erguem contra os crimes, o cinismo e as ideologias autoritárias.

REFERÊNCIAS

AMITRANO, Georgia Cristina. **Albert Camus**: um pensador em tempos sombrios. Uberlândia: EDUFU, 2014.

ARONSON, Ronald. **Camus e Sartre**: o polêmico fim de uma amizade no pós-guerra. Tradução de Caio Liudvik. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

BASTOS, Mário Jorge da Motta. **O poder nos tempos da peste**: *Portugal*: séculos xiv/xvi. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense Niterói, 2009.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro: Record, 2018a.

CAMUS, Albert. **Conferências e discursos**. Ed. Livros do Brasil. Portugal, 2022

CAMUS, Albert. **Camus, o viajante**. Rio de Janeiro: Record, 2019.

CAMUS, Albert. **Cadenos 1939-42: a guerra começou, onde está a guerra**. São Paulo: Hedra, 2014.

CAMUS, Albert. **Estado de Sítio; O estrangeiro**. Tradução Maria Jacintha. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

CAMUS, Albert. **O homem revoltado**. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Record, 2018b.

CAMUS, Albert. **A peste**. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Record, 1997.

CAMUS, Albert. **Moral y política**, Madrid: Alianza Editorial, 1984.

GERMANO, Emanuel Ricardo. **O pensamento dos limites: contingência e engajamento em Albert Camus**. 2007. 498 f. Tese de Doutorado - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2008.

LAMEIRINHA, Cristianne Aparecida de Brito. **O sentido do exílio em la peste de Albert Camus**. 2006. 121 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

TODD, Oliver. **Albert Camus: uma vida**. Tradução de Monica Stahel. Rio de Janeiro: Record, 1998

DADOS DOS AUTORES

Degislando Nóbrega de Lima

Doutor em Teologia pela Westfälische Wilhelms Universität (2001). Graduado em Teologia pelo Centro de Estudos de Filosofia e Teologia do Seminário Imaculada Conceição da Arquidiocese da Paraíba (1992), e em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco (1991). Professor na Universidade Católica de Pernambuco-UNICAP, onde também é Pró-reitor de Graduação. Tem experiência na área de Teologia e Ciências da Religião, é docente/pesquisador no Mestrado em Teologia da UNICAP, atuando principalmente nos seguintes temas: epistemologia teológica, pluralismo, libertação, hermenêutica, cristianismo e modernidade/pós-modernidade. Avaliador de cursos do INEP. *E-mail:* degislando.nobrega@unicap.br

Alberto Luiz Silva de Oliveira

Mestre em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP (2022), na linha de pesquisa Ética, Fundamentos Morais e Valores. Graduado em Licenciatura Plena em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP (2019). Foi residente pedagógico, no período 2018-2019, no Instituto Federal de Pernambuco - IFPE. Tem interesse na área de Filosofia, com ênfase em Ética e Filosofia Política e atualmente estuda as implicações éticas do conceito de Revolta no pensamento de Albert Camus. *E-mail:* albertolui968@hotmail.com